

HOMENS E CUIDADO INFANTIL: ESTUDO DE CASOS EM SALVADOR, BAHIA

MEN AND CHILD CARE: A CASE STUDY IN SALVADOR, BAHIA, BRASIL

Vania Bustamante¹
Elenir Salvador Santos Gama²

Resumo

Este artigo versa sobre a participação masculina no cuidado infantil, entre homens de diversos setores socioeconômicos em Salvador (Bahia) Brasil, que têm laços consanguíneos ou de consideração com crianças pequenas. Dialoga criticamente com pesquisas acerca de paternidade e envolvimento paterno; inclui uma discussão teórica sobre gênero e cuidado e argumenta que é preciso ampliar a reflexão considerando a diversidade de realidades familiares e socioeconômicas. Foi realizado um estudo qualitativo, envolvendo a realização de entrevistas narrativas com cinco homens que têm vínculos e contatos cotidianos com crianças pequenas analisadas mediante a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados indicam que a participação masculina no cotidiano do cuidado infantil – incluindo o contato com serviços de saúde – se dá como “ajuda” e, predominantemente, em momentos em que inexistem outras pessoas para cuidar. Nas famílias que contam com uma trabalhadora doméstica a participação masculina no cuidado infantil tende a ser menor. Isso evidencia a reprodução de papéis de gênero convencionais e permanência da divisão sexual do trabalho. Em paralelo, os participantes têm um vínculo afetivo com a criança e participam no cuidado infantil como processo de construção social da pessoa.

Palavras-chave: cuidado infantil; gênero; paternidade.

Abstract

This article focuses on the male participation in child care, among men from different socioeconomic sectors, in Salvador, Bahia, Brazil, who have consanguineous or considerate ties with little children. It critically dialogues with research on paternity and paternal involvement; includes a theoretical discussion on gender and care and argues that it is necessary to expand the reflection considering the diversity of family and socioeconomic realities. A qualitative study was carried out, involving the conduct of narrative interviews with five men - who have daily relationships and contacts with little children - analyzed through the thematic content analysis technique. The results indicate that male participation in the daily care of children - including contact with health services - occurs as “help” and, predominantly, in times when there are no other people available to produce care. In families having a female domestic worker masculine participation in child care tends to be lower. This evidences the reproduction of conventional gender roles and permanence of the sexual division of labor. In parallel, the participants have an affective bond with the child and participate in child care as a process of social construction of the person.

Keywords: child care; gender; paternity.

¹ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora do Instituto de Psicologia da UFBA. Brasil.vaniabus@yahoo.com. <https://orcid.org/0000-0002-6736-041X>

² Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia. Brasil. elenirsantos2011@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0207-3030>

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa compreender como se dá a participação masculina na construção cotidiana do cuidado infantil em famílias de Salvador. Trata-se de um fenômeno que diz respeito ao cuidado paterno e que também pode incluir homens que cuidam de crianças tendo outros vínculos com as mesmas, tanto envolvendo categorias de parentesco convencionais (padrasto, avô, tio, primo) como as inúmeras possibilidades oferecidas pela linguagem da consideração (McCallum & Bustamante, 2012), não necessariamente mediadas por uma união com a mãe da criança. Aqui será importante, porém insuficiente, a inserção no campo das pesquisas sobre paternidade. Será preciso também fazer uma discussão sobre o conceito de Cuidado, a partir de uma teoria geral do cuidado (Bustamante & McCallum, 2014) e em diálogo com aportes do enfoque de gênero.

Existem diversas abordagens teóricas e recortes sobre a paternidade. Em alguma medida todas estão atravessadas pela discussão sobre o surgimento de um “novo pai”, mais participativo no cuidado. Este fenômeno tem relação com as grandes transformações sociais das últimas décadas, com destaque para a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, onde então elas têm menos tempo para as tarefas domésticas e o cuidado de crianças, têm mais autonomia e demandam mais dos parceiros (Promundo-Brasil, 2016).

Diversos recortes vêm sendo desenvolvidos no plano nacional e internacional envolvendo o tema da paternidade, tais como: os sentimentos dos homens diante da paternidade (Gabriel & Dias, 2011; Freitas, Coelho & Silva, 2007; Silva & Piccinini, 2007), a paternidade como parte da construção da masculinidade (Cáceres, Salazar, Rosasco & Fernandez Dávila, 2002), os efeitos da presença paterna no desenvolvimento infantil (Gomes, Crepaldi & Bigras, 2013; Paquette, 2004). A escolha aqui é dialogar com estudos que abordam sobre o cuidado ou conceitos que têm pontos em comum, como o envolvimento paterno. Nesse sentido, é importante destacar que, no Brasil, os estudos sobre paternidade e interação pai-criança, que se tornaram mais frequentes a partir do ano 2000 (Alvarenga, Gomes, Freitas & Silva, 2016), seguem tendências apontadas na literatura internacional ao utilizarem o modelo de envolvimento paterno, proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985). Os referidos autores conceituam o envolvimento paterno alicerçados em três dimensões: a interação presente de pai e filho; a disponibilidade do pai em relação com o filho, assim como o nível de responsabilidade assumida com os filhos, inclusive através do sustento econômico.

Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Piccinini (2012) estudaram a experiência da paternidade aos três meses do bebê; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2012) realizaram estudo qualitativo sobre o envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê; Krob, Piccinini e Silva (2009) enfocaram, através de um estudo qualitativo longitudinal, a transição para a paternidade. Oliveira e Brito (2009) investigaram as ações de cuidado desempenhadas pelo pai durante o puerpério. Os quatro trabalhos nacionais, nos quais foram entrevistados pais primíparos que moram com a companheira e mãe da criança, trazem resultados semelhantes. Os homens estão menos presentes que as mulheres e realizam atividades mais ligadas com o brincar. Os participantes manifestam preocupações sobre como cuidar do bebê e também com o cansaço da companheira. Apontam que o fato de trabalhar dificulta um maior envolvimento.

Dentre esses autores, apenas o estudo de Oliveira e Brito (2009) foi feito com homens de baixa renda. É predominante estudar homens de classe média, que estão sendo pais pela primeira vez e que moram com a mãe da criança, o que mostra uma tendência a naturalizar a heteronormatividade e a existência da família nuclear

convencional. Encontramos esta tendência também em publicações internacionais recentes, como o trabalho de Xue, Shorey, Wang e He (2018), que analisaram o envolvimento paterno durante a gravidez e o nascimento exclusivamente com pais do primeiro filho e casados com a mãe da criança.

Com base em uma revisão de literatura sobre produções nacionais, Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi e Piccinini (2014), identificaram que, dos 100 trabalhos selecionados para o estudo, só 4% se encaixam na categoria “paternidade em configurações familiares não tradicionais”, com os temas: “famílias divorciadas ou recasadas, adotivas ou com padrasto”. Sob esse ângulo apontam recortes que precisam ser mais desenvolvidos em futuros estudos: caracterizar a experiência da paternidade em contextos diferenciados; pesquisar especificidades durante todo o desenvolvimento infantil, assim como estudos que foquem na experiência do pai.

Acredita-se que ampliar o olhar sobre a participação masculina no cuidado infantil pode contribuir para problematizar afirmações generalizantes, como a existência de um “novo pai” nas camadas médias, ou a falta de envolvimento paterno em camadas populares. Tal perspectiva pode trazer desdobramentos práticos importantes ao se pensar na assistência a crianças e também homens e mulheres adultos que oferecem cuidados. Trata-se de um recorte que vem sendo registrado em algumas políticas públicas, porém ainda pouco desenvolvido nas práticas. A Política Nacional de Assistência Integral à Saúde do Homem (PNAISH), por exemplo: “explicita a necessidade da valorização da paternidade como um aspecto relevante na promoção da saúde sexual e reprodutiva do homem, sem, no entanto, definir o que seja paternidade, ou indicar caminhos para a sua promoção” (Ribeiro, Gomes & Moreira, 2015, p. 3590). Também a Estratégia Rede Cegonha, ao visar a melhoria da assistência ao pré-natal, nascimento e puerpério, menciona os direitos sexuais e reprodutivos de homens e mulheres e se refere à presença paterna em tais momentos. Contudo, não aponta diretrizes para fortalecer o exercício da paternidade e o papel do pai parece ser pensado de um modo instrumental, como um aspecto que pode contribuir para a saúde da mãe e bebê (Ribeiro et al., 2015).

De acordo com o trabalho de Bustamante e McCallum (2014) compreendemos o conceito de “Cuidado”, dentro da perspectiva de uma teoria geral, apontada por Almeida Filho (2011, p. 148), que “implica modos alternativos de compreensão, respeitando a complexidade dos objetos e a pluralidade das distintas aproximações científicas de um problema interdisciplinar”. Nesses termos, Bustamante e McCallum (2014) reconhecem:

[...] a necessidade de pensar em duas grandes maneiras de compreender o cuidado na área da saúde: de um lado o cuidado constitui um horizonte normativo que orienta as práticas de saúde; de outro (...) cuidado envolve a construção cotidiana de projetos de pessoa que se dá em um marco de relações de poder (p. 673).

A primeira perspectiva faz referência ao conceito proposto por Ayres, fundamentado em Heidegger “e é um conceito inspirador para a construção de boas práticas de saúde” (Bustamante & McCallum, 2014, p. 673). A segunda compreensão foi construída a partir de um estudo etnográfico sobre o cuidado infantil, e enquanto tal, “[...] nos aproxima do cotidiano, de práticas de cuidado construídas por pessoas nos mais diversos contextos” (Bustamante & McCallum, 2014, p. 673).

No presente trabalho iremos ampliar a proposição das citadas autoras ao incluir uma discussão sobre relações de gênero e cuidado. Para Hirata e Kergoat (2007): “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” (p. 599). Nessa lógica, os trabalhos nos meios de produção e socialmente valorizados estão associados aos homens, ao passo que atividades ligadas com a reprodução são

consideradas atribuições das mulheres. Os avanços das mulheres no mercado de trabalho continuam sendo permeados pelas relações de gênero, pois muitas mulheres, além de trabalharem fora, assumem duplas jornadas e, quando não conseguem realizar o trabalho doméstico, delegam a outras mulheres.

De acordo com Lyra, Leão, Lima, Targino, Crisóstomo e Santos (2015), ao discorrerem sobre o cuidado paterno e masculino com as crianças, é fundamental considerar as relações de gênero, a partir do contexto, da composição familiar e das construções históricas e sociais de cada época, uma vez que há uma ideia construída socialmente de que a mulher deve ser a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos. Sob essa ótica, entende-se como uma característica da feminilidade, enquanto ao homem é esperado que seja forte e possa decidir sobre a família, características atribuídas tanto à paternidade quanto à masculinidade. De acordo com os autores citados, há uma naturalização dos papéis masculinos e femininos que começa desde a infância.

MÉTODO

Este estudo utilizou-se da metodologia de caráter qualitativo que, segundo Minayo (2014, pp. 21-22), “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...], que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Com esse propósito, adotou-se o estudo de casos múltiplos como estratégia de investigação, dado que a mesma possibilita compreender os significados atribuídos a uma questão social e humana, a começar da profundidade, do detalhamento de informações e procedimentos variados de coleta de dados (Creswell, 2010).

Foram utilizadas entrevistas narrativas, conforme o proposto por Jovchelovich e Bauer (2002, p. 95), as quais envolvem “uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade”, onde há um convite a contar histórias. A partir das histórias que emergem na narrativa, é possível compreender os sentidos que cada acontecimento representa para o indivíduo, assim como para o contexto social.

Entre os meses de maio e julho de 2018 entrevistamos cinco homens de diferentes camadas sociais que moram na cidade de Salvador, Bahia. Por motivos éticos, os participantes receberam nomes fictícios, começando com a letra “M”, no caso de pessoas de renda média, e “B” para os informantes de baixa renda. Quatro são pais e um é tio de crianças de até 5 anos. Manoel e Mikael possuem trabalhos estáveis, moram com a esposa e filhos em bairros de classe média e contam com a ajuda de uma empregada doméstica. Beto, Bob e Binho moram num bairro popular, com uma precária estrutura urbana e realizam trabalhos de baixa remuneração, inclusive Binho se encontra desempregado.

Os arranjos familiares dos informantes são diversos: Manoel e Mikael convivem com a companheira e mãe da criança; no caso de Mikael há um recasamento. Quanto a Manoel, o convívio envolve a esposa, o filho e os sogros. Beto é divorciado e mora sozinho, porém a sua casa é uma extensão da casa dos pais. Já Binho mora com a esposa e assume o cuidado do sobrinho, que não reside no mesmo domicílio. Algumas características dos participantes são apresentadas na tabela 1.

Analisou-se as entrevistas transcritas segundo a técnica de análise de conteúdo temática, que possibilita “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (Minayo, 2014, p. 315). Realizou-se sucessivas leituras do material e, em diálogo com o objetivo traçado para o estudo e com a discussão teórica empreendida, identificou-se como categorias

temáticas: 1) Cuidado e divisão sexual do trabalho; 2) Cuidado relacionado à saúde da criança; 3) Cuidado e construção de projetos de pessoa.

Foram seguidas as normas éticas e o projeto foi aprovado por um Comitê de Ética de uma unidade da Universidade Federal da Bahia (Parecer 2.762.639).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cuidado e divisão sexual do trabalho

Essa categoria se refere às narrativas dos participantes sobre os cuidados básicos e as relações de gênero. Percebeu-se alguns paradoxos em relação aos modos de cuidar, que demonstram que a responsabilidade pelo cuidado ainda é majoritariamente delegada à mulher, como é ilustrado no relato de Manoel:

Minha esposa é meio assim perfeccionista, então se eu faço qualquer coisa errada ela se estressa muito [...], então ela prefere fazer. Como eu trabalhava fora e era mais puxado, eu ficava até mais cansado, mas agora, ultimamente, como eu tô tranquilo, se ela me pedir eu faço. Alimentação, banho, trocar fralda, é minha esposa que faz. Se ela me der para fazer, se tiver estressadinha e me der para fazer eu faço de bom grado, dou comida a ele, me divirto e brinco.

Em outro momento da entrevista, Manoel faz referência a experiências com a própria mãe:

Eu entendo o lado dela, mas, assim, por outro lado também como minha mãe nunca trabalhou, sempre criou eu e meu irmão, deu banho, ia no mercado, fazia comida em casa, passava, lavava, fazia tudo [...] Como eu fui criado e sempre tive esse exemplo, eu creio que isso também me faz ter a perspectiva de que, se minha mãe e minha avó fez e deu conta de tudo [...]. Eu tenho que acostumar ela a ter essa força e superar isso e não ao contrário, ficar cada vez mais à vontade e não dar conta da casa.

Há contradições nesta narrativa, pois, ao que parece, a limitação de Manoel, em participar dos cuidados, não está ligada apenas ao “perfeccionismo” da esposa, mas à sua maneira de pensar esses papéis, que deriva do modo como ele foi criado, permeado por construções culturais, ideais de gênero e da divisão sexual do trabalho. O relato de Manoel evidencia também um enraizamento de ideais vivenciados na infância, que parece ter uma influência significativa na forma como ele se enxerga como pai. Ele perdeu o pai aos 11 anos de idade. Por não permitir que a esposa trabalhasse fora, seu pai assumiu as responsabilidades financeiras e, após morrer, deixou bens que sustentam a família até o momento atual, enquanto a mãe assumiu todos os cuidados domésticos e com os filhos. Assim, o ambiente familiar tem influência proeminente na perpetuação de hierarquia masculina, pois a criança, desde pequena, vai internalizando a divisão sexual do trabalho e, como resultado, generalizações vão sendo incluídas como características originais (Gomes, 2008).

Alguns informantes se envolvem no cuidado quando a mulher não pode fazê-lo. Assim, parece não haver um sentido de corresponsabilidade, ou talvez de iniciativa, quando se trata de cuidados básicos com a criança, como é perceptível no discurso de Beto:

Eu mesmo faço as coisas dela – dou banho [...]. Faço tudo – o mingau dela quando ela dorme. [...] Quando a mãe estava comigo, quando podia dar banho, trocar fralda, tudo, eu preferia que a mãe fizesse, mas

quando a mãe não dava, toda vida eu troquei.

Diferentemente dos outros entrevistados, Bob demonstrou uma participação mais expressiva nos cuidados com a criança, sem deixar de utilizar o termo “ajuda” para designar a sua participação.

Sempre ajudei. Cada um tava fazendo alguma coisa. Enquanto ela tava cuidando dela, eu ficava fazendo mamadeira, às vezes o mingau, [...] troquei muita fralda. E como toda criança, toda hora fazia as necessidades dela e eu tava sempre trocando. Esse cuidado sempre dividia com minha esposa. [...]. Se a menina precisa de alguma coisa e a mãe tá ocupada, eu tomo iniciativa, vou lá e faço. Geralmente eu acordo primeiro que a mãe, então eu que faço o café e arrumo ela para ir para a escola.

Esse dado está em conformidade com o estudo de Vieira e Nascimento (2014), no qual alguns homens se mostraram mais participativos; no entanto, se colocaram como ajudantes das esposas – uma compreensão ancorada na ideia de que os cuidados das crianças são de responsabilidade da mulher. Bob, apesar de participar dos cuidados, tem a concepção de que tais tarefas cabem à sua esposa. Essa ideia de Bob pode ser efeito de concepções patriarcais vivenciadas por ele. Sob esse ponto de vista, para os autores citados, são as construções de gênero que sustentam essa compreensão. O cuidar da criança é entendido como uma atividade adicional ao papel mais importante – o de provedor financeiro –, que é constitutiva do ser homem, como também encontrado no estudo etnográfico de Bustamante e Trad (2005).

Bob demonstra uma participação mais ativa, em relação aos outros participantes. Ao mesmo tempo percebeu-se, durante a entrevista, que este informante se mostrava inibido em falar das atividades que realizava. Essa inibição pode estar ancorada numa ideia de masculinidade, que relaciona à moral do homem – a uma característica de ser forte, viril e provedor – mas, não àquele homem que realiza tarefas consideradas femininas, tal como apontado por Sarti (1994, p. 131): “A moral do homem que tem força e disposição para trabalhar, articula-se à moral do provedor, que traz dinheiro para dentro de casa, imbricando-se para definir a autoridade masculina e entrelaçando o sentido do trabalho à família”.

Binho também demonstrou uma efetiva participação no cuidado com o sobrinho de um ano e cinco meses. Ele assume o cuidado da criança enquanto a mãe trabalha fora. Esse dado está em conformidade com o estudo de Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003) que, ao estudarem arranjos familiares de crianças das camadas populares, perceberam ser comum o compartilhamento de cuidados com a criança entre os parentes e vizinhos.

Cuidado relacionado à saúde

Esta categoria se refere a práticas que incluem levar a criança para atendimento médico, marcar consultas, assim como perceber quando a criança está doente e participar das ações necessárias. Os participantes demonstraram diferentes formas de se relacionarem com o cuidado à saúde da criança, que se expressam desde a gestação. A narrativa de Mikael é ilustrativa:

Na gravidez é basicamente o cuidado com relação à gestação, o acompanhamento, as consultas, o contato diário né, o cuidado com relação ao trabalho em casa pra evitar qualquer acidente [...]. Eu assisti aos dois partos, tanto do menino quanto o da menina. Tinha toda questão do cuidado com os pontos. Então apesar do receio que eu tinha de pegar o bebezinho tão frágil, era necessário nas madrugadas carregar, colocar direitinho pra não comprometer a recuperação dela.

A participação de outros informantes foi menos expressiva e centrada na realização do pré-natal, como no caso de Manoel: *“A gente fez muito aqueles exames de ultrassons, vários exames de sangue, fez tudo até mais do que o necessário”*.

Estes dados dialogam como estudo de Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004), ao estudarem o envolvimento paterno durante a gestação. Perceberam que os homens se envolviam de diferentes formas. Alguns homens participavam diretamente no acompanhamento de exames e consultas; outros prestavam apoio material, auxiliando a mulher, enquanto ela se encontrava impossibilitada de efetuar atividades da casa, tendo uma relação de maior proximidade e cuidado para com a saúde. Ao analisarem as ações desenvolvidas pelo homem durante o puerpério de sua companheira, Oliveira e Brito (2009) mostram que os relatos dos participantes apontam que a esposa precisava de cuidados, para que não houvesse riscos à saúde da mesma.

Em práticas como marcar consultas ou levar as crianças ao médico, os participantes manifestaram que podem acompanhar a mãe e a criança nas consultas, porém isso não necessariamente implica compartilhamento de tarefas, tal como evidenciado no relato de Bob:

Quem marca as consultas sempre é a mãe. Levar eu levo, mas nesse detalhe aí é a mãe que marca. Eu só vou, na verdade, só fazer o papel de pai, de levar, entendeu? Mas levo, inclusive outro dia que a mãe não pode ir quem foi levar foi eu; a médica a examinou e disse qual era o problema que ela tinha, sempre tô, em relação a isso aí procuro participar, né.

Como já discutido nesse trabalho, os entrevistados apresentaram uma participação secundária, tendo uma visão de que a responsabilidade com esse cuidado é da mulher. A fala de Bob é bem ilustrativa, quando ele diz: *“vou na verdade só fazer o papel de pai, de levar, entendeu?”*. Persiste a ideia de que existem papéis pré-determinados para homens e mulheres. Por outro lado, quando Bob e Mikael exercem a função de levar os filhos ao médico, diante da impossibilidade das esposas, mostram também que a participação do homem no cuidado, algumas vezes, acontece a partir das demandas que surgem, como exemplo, a entrada da mulher no mercado de trabalho, como aconteceu no caso de Mikael.

Alguns informantes demonstraram perceber quando a criança está passando por um problema de saúde, como mostra a fala de Bob: *“Quando ela tá doente ela fica quietinha, aí quando eu vejo quieta demais eu já passo a mão na cabeça aí já vejo que alguma coisa tá errada”*. Outros estudos, a exemplo de Bustamante (2005) e Piazzalunga e Lamounier (2011) também revelam que, em relação ao cuidado com a saúde, os pais mostraram preocupações com mudanças físicas no corpo do filho, e participaram das consultas relacionadas à saúde do mesmo. Em alguma medida, percebe-se que coexistem diversas formas de cuidar. Ao mesmo tempo em que Bob considera que o seu papel não é levar a criança ao médico, ele mostra que está atento à criança e consegue identificar problemas de saúde.

Ao refletir sobre saúde sexual e reprodutiva, Freitas, Silva, Coelho, Guedes, Lucena e Costa (2009, p. 144) destacam que: *“na atenção básica à saúde, há de se apreender a figura do pai como um dos sujeitos diretamente envolvidos na gestação, [...] valorizando a paternidade, mas não o engessando nela, existindo diversas modalidades de ser pai”*. As referidas autoras acrescentam que exercer a paternidade na atenção à saúde pode ser *“a porta de entrada do homem no campo dos cuidados, de si próprio, dos(as) filhos(as) e da companheira.”* (Freitas et al., 2009, p. 144). Dessa forma, é necessário implementar políticas públicas que propiciem avanços na forma de exercer o cuidado de crianças, por parte do homem, através da sua inserção: *“no contexto dos cuidados e das experiências mais*

afetivas (Freitas et al., 2009, p. 90).

A participação masculina no cuidado precisa ser pensada não só no âmbito do homem como indivíduo, mas também das pessoas que trabalham na área da saúde e que, muitas vezes, não notam a existência dos homens nas “unidades básicas ou ignoram e desqualificam a participação do pai no pré-natal, parto e consultas pediátricas” (Ribeiro et al., 2015, p. 3594-3595). Nessa perspectiva, a PNAISH (Brasil, 2009) constitui um avanço na possibilidade de construir um cuidado sensível aos homens na perspectiva do incentivo aos homens a agirem sobre a sua própria saúde, tendo conhecimento de questões que dizem respeito à sexualidade e reprodução, além de ações que se referem à paternidade. Entretanto, como descrito por Ribeiro et al. (2015), na implementação da política persistem muitos desafios. Nesse sentido, cabe registrar que nenhum dos informantes fez referência a ter sido convocado pelos profissionais de saúde durante os diversos momentos assistenciais envolvendo pré-natal, parto, puerpério e os primeiros anos da criança.

Cuidado e construção de projetos de pessoa

Como descrito em outros estudos sobre o cuidado infantil (Bustamante & McCallum, 2014), defende-se que a construção de projetos de pessoa – de maneira implícita ou explícita – faz parte do cotidiano do cuidado. Nessa perspectiva, Manoel comenta que gosta de ensinar habilidades através da construção de brinquedos, e comenta o quanto o filho consegue criar coisas. Refere-se ao incômodo que sente por alguns familiares acharem que o seu filho tem um atraso no desenvolvimento e assim o inferiorizarem, estigmatizarem

Se por um lado ele não fala, por outro ele tem tantas emoções, ele vê um desenho e se emociona, ele interage mesmo, ele entende mesmo [...], então ele tem esse lado [da] inteligência emocional, é muito esperto, eu acho muito bonito.

Manoel espera que o filho desenvolva ações que o descolem desse lugar de criança deficiente, fazendo isso através do incentivo às suas habilidades e autonomia. Por ser religioso, comenta do seu desejo de que o filho também tenha esse conhecimento:

Procuo ensinar as coisas a ele, como é que funciona o mundo espiritual, o mundo carnal, para a pessoa se situar bem e não cair em ciladas. Investir nisso... li bastante livros e me sinto preparado para educar ele.

Os participantes mencionam expectativas relacionadas ao futuro das crianças e aos valores que esperam inculcar nelas. Revelam disponibilidade para ajudar a criança ao longo da vida, como no caso de Binho - *“Eu quero que ele cresça e seja um menino bom. No que depender de mim, eu vou ajudá-lo”*. Manifestam o desejo de que o filho consiga aquilo que o pai não conseguiu, como no caso de Bob: *“Eu trabalho pra que? Estude e consiga os objetivos que eu não consegui. É, se formar e ter um futuro melhor”*.

Em relação às expectativas direcionadas às crianças, outros estudos também corroboraram com essa perspectiva. Ao procurar compreender os sentimentos sobre a paternidade, Silva e Picinini (2007) revelaram que os participantes investiam na educação sexual da criança para que, no futuro, ela tivesse relacionamentos saudáveis. Bustamante (2005), em estudo de cunho etnográfico acerca das vivências em torno da paternidade, aponta ser esperado que o filho consiga obter realizações que não foram possíveis para o pai.

Destarte, os sujeitos desta pesquisa igualmente destacam a importância de ter uma participação muito ativa na

formação da criança, como evidenciado na seguinte narrativa de Mikael:

A gente acredita que tá tendo êxito, tá conseguindo fomentar neles esses valores que a gente acha que deve ter numa pessoa. A expectativa é que, de fato, seja no futuro uma pessoa no que a gente quer formar... A gente vive num mundo muito individualista, muito competitivo e a gente não pode deixar à mercê de que as coisas lá fora mudem; é essa formação que a gente tem que ter uma participação muito ativa nesse processo.

As narrativas analisadas evidenciam a implicação afetiva dos homens com as suas crianças e o compromisso com o cuidado ao longo da vida, ligado à construção social da pessoa, o que, paradoxalmente, não parece ter relação com a participação nos cuidados básicos do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo traz achados que vão ao encontro de estudos nacionais e internacionais, ao mostrar que a participação dos homens no cuidado infantil é sempre menos expressiva do que a das mulheres. As análises aqui empreendidas corroboram a pertinência de incluir o recorte de gênero na compreensão da participação masculina no cuidado infantil, e incluir homens de diversos setores socioeconômicos e culturais, que possuem diversos vínculos com as crianças, como já sinalizado por outros autores (Vieira et al., 2014; Cabrera & Bradley, 2012). Esta é uma contribuição da presente pesquisa, que se diferencia da maioria de estudos, habitualmente realizados com homens brancos, de classe média, casados com a mãe da criança e que estão tendo o primeiro filho.

A ideia do homem como provedor apareceu no relato dos participantes como condição para exercer a paternidade, conforme estudo de Bustamante (2005). Por outro lado, percebeu-se que Manoel e Mikael, os dois participantes de camadas médias e que contam com uma empregada doméstica, mostraram uma participação menos ativa nos cuidados básicos, quando comparado aos participantes de camadas populares, o que reforça a ideia de que a participação masculina no cuidado infantil constitui uma resposta às necessidades práticas. Aqui, diferentemente de outros estudos (Xue et al, 2018), encontramos distinções ligadas à situação socioeconômica que merecem ser aprofundadas em novas pesquisas.

Alguns autores, por exemplo Paquette (2004), com base em uma abordagem teórica evolucionista, apontam o brincar e o lúdico como uma característica central do cuidado paterno e como uma dimensão que favorece o desenvolvimento da criança incentivando obediência e habilidades de competição. Uma compreensão parecida está presente nos informantes da presente pesquisa, o que parece justificar a pouca participação no cotidiano do cuidado e no trabalho doméstico. Ainda se relaciona com uma essencialização das diferenças entre homens e mulheres, onde existem atividades que os homens fazem melhor, pelo fato de serem homens.

Acredita-se que esse modo de pensar o cuidado paterno, relacionando-o com influências paternas “naturais” e pré-estabelecidas no desenvolvimento infantil, é uma perspectiva que naturaliza e mantém o lugar das mulheres como as responsáveis pelo cotidiano do cuidado e do trabalho doméstico. É preciso realizar novos estudos sobre o cuidado infantil, referentes ao que se considera contribuição específica de pais e mães, sob um viés crítico. Para isso, inferimos que é necessário incluir uma compreensão do cuidado infantil como “construção de projetos de pessoa”, algo que ocorre de maneira relacional com homens e mulheres que têm diversos vínculos com as crianças.

Os resultados também vão ao encontro da literatura, ao mostrar que nos serviços de saúde existem poucos avanços na inclusão dos homens. Acreditamos que refletir sobre os elementos discutidos neste estudo pode contribuir para se pensar sobre as práticas. Além disso, defendemos que é preciso pensar nos homens como sujeitos desejantes e não só numa perspectiva utilitária, como alguém que deve ajudar a mãe e o filho. Isso também se estende ao cuidado com as mulheres, que precisam ser respeitadas em seus diversos modos de cuidar de suas crianças.

É necessário considerar que o presente estudo tem como importante limitação o número de participantes. Faz-se mister uma abordagem mais ampliada envolvendo participantes de diversos setores socioeconômico e culturais, incluindo os vários modos de utilizar e se relacionar com serviços de saúde públicos e privados.

Referências

- Almeida Filho, N. (2011). *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Alvarenga, P., Gomes, Q.S., Freitas, L.M.A., & Silva, A.T.B. (2016). Modelos teóricos e instrumentos para a avaliação da relação pai-criança. In Moreira, L.V.C., Rabinovich, E.P., & Zucoloto, P.C.S.V. (Orgs.), *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família*. (pp.195-214). Curitiba: Juruá.
- Amazonas, M.C.L.A, Damasceno, P.R. Terto, L.M.C, & Silva. R.R. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 24(8,spe),11-20.
- Brasil. Ministério da Saúde (2009). Portaria nº 1.994, de 27 de agosto de 2009. Institui no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.
- Bustamante V., & McCallum, C. (2014). Cuidado e construção social da pessoa: contribuições para uma teoria geral. *Physis*, 24(3), 673-692.
- Bustamante, V., & Trad, L.A.B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cad. Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Cabrera, N. J., & Bradley, D.H. (2012). Latino fathers and their children. *Child development perspectives*, 6(3), 232-238.
- Cáceres, C.F., Salazar, X., Rosasco, A.M., & Fernández Dávila, P. (Orgs.). (2002). *Ser hombre en el Perú de hoy. Una mirada a la salud sexual desde la infidelidad, la violencia y la homofobia*. Lima: Redess Jóvenes.

- Creswell, J.W. (2010). *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas, W.M.F., Coelho, E.A.C., & Silva, A.T.M.C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1), 137-145.
- Freitas, W.M.F., Silva, A.T.M.C., Coelho, E.A.C., Guedes, R.N., Lucena, K.D.T., & Costa, A.P.T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Gabriel, M.R., & Dias, A.C.G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 6(3), 253-261.
- Gomes, L.B., Crepaldi, M.A., & Bigras, M. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, 23(54), 21-29.
- Gomes, V.L.O. (2008). A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 10(1), 145-151.
- Gonçalves, T.R., Guimarães, L.E., Silva, M.R., Lopes, R.C.S., & Piccinini, C.A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas conexões da divisão sexual do trabalho. *Cad. Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Jovchelovich, S., & Bauer, M.W. (2002). Entrevista Narrativa. In Bauer, M.W., & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Krob, A.D., Piccinini, C.A., & Silva, M.R. (2009) A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M.E., Pleck, H., Charnov, E.L., & Levine, J.A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.
- Lyra, J., Leão, L.S., Lima, D.C., Targino, P., Crisóstomo, A., & Santos, B. (2015). Homens e cuidado: uma outra família? In Acosta, A.R., & Vitale, M.A.F. (Orgs.). *Família, redes, laços e políticas públicas*. (6a ed., p. 91-106). São Paulo: Cortez.
- McCallum, C., & Bustamante, V. (2012). Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. *Etnográfica*, 16(2), 221-246.
- Minayo, M.C.S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14a ed.). São Paulo: Hucitec.

- Oliveira, E.M.F., & Brito, R.S. (2009). Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Esc. Anna Nery*, 13(3), 595-601.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Piazzalunga, C.R.C., & Lamounier, J.A. (2011). O contexto atual do pai na amamentação: uma abordagem qualitativa. *Rev Med Minas Gerais*, 21(2), 133-141.
- Piccinini, C.A., Silva, M.R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Piccinini, C.A., Silva, M.R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.S. & Tudge, J. (2012) Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Promundo-Brasil. (2016). *A situação da paternidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Promundo.
- Ribeiro, C.R., Gomes, R., & Moreira, M.C.N. (2015). A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 20(11), 3589-3598.
- Sarti, C.A. (1994). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Silva, M.R., & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o emprego paterno: um estudo qualitativo. *Estud. Psicol*, 24(4), 561-573.
- Vieira, G.T., & Nascimento, A.R.A. (2014). Aspectos psicossociais da construção da identidade paterna. *Psicologia: teoria e prática*, 16(1), 57-68.
- Vieira, M.L., Bossardi, C.N., Gomes, L.B., Bolze, S.D.A., Crepaldi, M.A., & Piccinini, C.A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Xue, W.L., Shorey, S., Wang, W., & He, H.G. (2018). Fathers' involvement during pregnancy and childbirth: An integrative literature review. *Midwifery*, 62, 135-145.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Características dos participantes

CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES				
Participante	Idade	Escolaridade	Idade das crianças	Estado civil e configuração familiar
Binho	56	Ensino fundamental incompleto	1 ano e 5 meses	Casado/mora com a esposa, filhos e exerce o cuidado do sobrinho.
Beto	21	Ensino fundamental incompleto	1 ano e 7 meses	Separado/mora sozinho em um cômodo acima da casa dos pais
Bob	46	Ensino médio incompleto	5 anos	Casado/mora com a filha e esposa.
Mikael	42	Ensino médio	5 e 10 anos	Recasamento/mora com os filhos (do casamento atual) e esposa
Manoel	41	Nível superior	2 anos	Casado/mora com a esposa, filho e os sogros